



# Conselho de Gudin, na festa dos 97 anos: peçam falência.

Se fosse pelo professor Eugênio Gudin, os ministros econômicos hoje "dariam a mão à palmatória e confessariam a falência do Brasil". O ex-ministro da Fazenda, também considerado o pai dos economistas brasileiros, disse isso ontem, na festa de seu aniversário — ele fez 97 anos — ao manifestar-se sobre o impasse da dívida externa brasileira.

"Desta vez os credores estão muito resistentes e os negociadores brasileiros mais cínicos, mais caraduras", afirmou.

Lúcido, cercado por filhos, netos, bisnetos e amigos — entre eles o senador Roberto Campos — e citando nomes e datas desde o século passado até os dias atuais, Eugênio Gudin atribuiu a crise econômico-financeira do Brasil "à incompetência dos homens". Para ele, desde o governo Juscelino, o País vem sacando sobre o futuro" de maneira incrivelmente idiota, fazendo toda sorte de loucuras — a construção de Brasília e a Ferrovia do Aço, por exemplo".

## Pagamento à vista

"É uma desgraceira" — comentou o economista. "O País está desprestigiado, por causa da incompetência. A perspectiva é de que só poderemos comprar com dinheiro a vista. E não há dinheiro".

Eugenio Gudin destacou que as importações de produtos essenciais ao funcionamento da economia e ao bem-estar da população, tais como trigo e petróleo, vão encontrar dificuldades crescentes, na medida em que aumentarem as exigências dos países fornecedores, e for cortado o crédito à importação.

Durante a entrevista que concedeu sentado numa das poltronas do seu escritório na residência de Copacabana, Gudin levantou-se apoiado em um dos seus netos, especialmente para cumprimentar o senador Roberto Campos, com quem conversou dez minutos sobre acontecimentos históricos na Europa, em particular na França, onde estudou quando jovem. O economista citou diversos nomes de figuras históricas de quem o próprio senador não conseguia lembrar-se, levando Campos a elogiar sua memória prodigiosa.

Ao comentar uma afirmação de sua esposa, d. Violeta, de que "o presidente Castelo Branco foi a única pessoa que nunca o decepcionou", Gudin disse que "Castelo e Rodrigues Alves foram os únicos verdadeiros estadistas como presidentes". Recordou ainda os nomes de Prudente de Moraes, Campos Salles e Café Filho — em cujo governo foi ministro da Fazenda, no período de 1954/1955 — como homens públicos que mereceram a sua admiração. "Principalmente no aspecto moral", completou. Para ele, está ocorrendo uma deterioração dos padrões morais no Brasil e lembrou a respeito "a carta do marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da República, pedindo 150 mil réis emprestados ao irmão", porque, apesar do cargo de presidente, não tinha dinheiro.

## Padrão de vida

Eugenio Gudin acentuou ainda que quaisquer medidas de saneamento da economia brasileira terão de rebaixar o nível de vida da população. "O padrão de vida terá de cair. Se não podemos importar trigo para fazer pão, teremos de comer aipim ou broa de milho. Que mal há nisso?" E continuou: "Eu mesmo já baixei o meu padrão de vida. Troquei o meu Galaxie por um carro mais econômico, diante da alta do preço da gasolina".

Gudin — que também é engenheiro — criticou de maneira contundente "a loucura de diversos empreendimentos". Um dos seus exemplos foi o da Ferrovia do Aço. "Para que, se já existe a Central do Brasil?" Segundo ele, a construção daquela ferrovia foi inteiramente desnecessária, "luxo extraordinário", e "condições técnicas deficientes".

Para Eugenio Gudin, se perder a atual orientação da política econômica do País, não haverá saída. "Continuaremos sendo um país de segundo ou terceiro grau."